

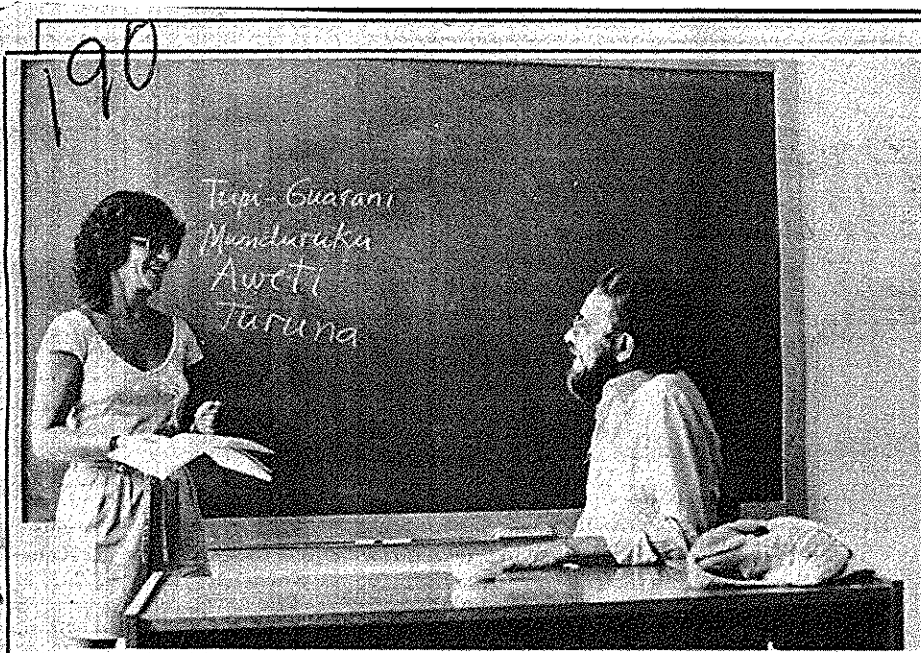
Povos Indígenas no Brasil

Fonte *O Globo*

Class.: *49*

Data *17 de março de 1983*

Pg.: _____



Ruth Montserrat e Romolo Traiano querem despertar o interesse dos jovens para as línguas indígenas

Línguas indígenas: um curso procura preservar a memória do Brasil

No Brasil, há cerca de 170 línguas indígenas, para uma população de 200 a 250 mil índios, e desse total apenas 44 já foram traduzidas e dicionarizadas, a maioria por estudiosos americanos. Entre os brasileiros, talvez não mais que 30 pesquisadores se dediquem ao estudo das línguas indígenas, geralmente confinado ao restrito âmbito universitário especializado ou a missões religiosas. E justamente com a intenção de romper esse círculo fechado, que o Centro de Studi Ca'Romana decidiu promover o primeiro curso de línguas indígenas aberto ao público em geral. Diz Romolo Traiano, diretor do Centro:

— As línguas indígenas são a própria memória do Brasil. Queremos despertar o interesse dos jovens para o seu estudo, antes que elas acabem.

Com três horas semanais (às terças e quintas-feiras, de 18 às 19h30m), o curso é ministrado pela professora Ruth Maria Fonini Montserrat, pesquisadora-estagiária do Museu Nacional há 14 anos e mestre em filologia pela Universidade Patrice Lumumba de Moscou. Neste primeiro semestre, se estudará o tupinambá e o aweti, ambas do tronco tupi-guarani.

— Vamos dar uma visão global da estrutura dessas línguas e da sua gramática — explica a professora. Veremos, por exemplo, que não existem línguas primitivas. Pode haver povos em estágio de desen-

volvimento primitivo, mas não línguas. Se compararmos o inglês com uma língua indígena, a diferença será de vocabulário. Um povo mais desenvolvido tem um vocabulário muito maior, pois cada povo tem a terminologia necessária ao mundo que conhece. Mas do ponto de vista da estrutura da língua, da complexidade, não há diferença.

Desde que voltou ao Brasil em 1968, após permanecer cinco anos na União Soviética, Ruth Montserrat, de 44 anos, dedica-se ao estudo das línguas indígenas, sempre com viagens ao Parque Nacional do Xingu, à Amazônia e mais recentemente ao noroeste do Mato Grosso, onde procura direcionar a língua dos Mynki-Iranxe. E por que esse interesse?

— Em primeiro lugar — revela Ruth — porque gosto, honestamente eu gosto. Em segundo, porque é uma forma de conhecermos a nossa história, a história do homem sobre a terra, do ponto de vista científico, preservando também a nossa memória nacional. E finalmente porque me sinto participando de uma luta em defesa dos povos indígenas. Acredito que a língua pode ser um elemento de defesa da cultura do povo.

Segundo Darcy Ribeiro, num trabalho do início dos anos 60, cerca de 90 grupos e línguas indígenas desapareceram no Brasil apenas neste século. Atualmente, algumas das 170 línguas ainda existentes são faladas apenas por grupos de cinco a dez pessoas, e 16 são línguas isoladas, sem nenhuma ligação com qualquer outra, como o próprio Mynki-

Iranxe ou o Tikuna. Assinala a professora Ruth:

— Se só sobraram cinco que falam uma língua, onde estão os outros? Devem ter sido milhares e milhares para criarem uma língua com toda a sua complexidade. E, também, entre os tantos grupos que desapareceram, deveriam estar as outras famílias e partes dos troncos dessas línguas isoladas. Afinal, só dentro do tupi-guarani, há 25 línguas.

A influência das línguas indígenas no português é limitada, restringindo-se mais à toponímia (nomes de cidades, rios, praias etc.) ou a palavra de âmbito regional.

— Embora — observa Ruth — haja também palavras incorporadas ao nosso vocabulário, como caatinga (ca-mato, e tinga — branco, do tupi-guarani), cuja origem indígena é esquecida. Outro exemplo é cutucar (de cutuk, do tupi-nambá) e curumim (menino, criança, do tupi-guarani).

O Centro di Studi Ca'Romana pretende continuar com o curso de línguas indígenas também no segundo semestre, provavelmente de uma língua karíbe e o xavante, dados por um outro professor mas sob a coordenação de Ruth Montserrat. Até agora, o curso tem sido procurado basicamente por antropólogos, estudantes de letras e curiosos. Diz Romolo Traiano, que é professor de italiano e estudioso de filologia:

— Queremos fazer um trabalho realmente sério, que chame a atenção dos jovens para a importância do estudo e preservação das línguas indígenas.